

Lula deve escolher nome “seguro” para o Supremo

Principais cotados são Jorge Messias e Rodrigo Pacheco

Por Gabriela Gallo

O anúncio da aposentadoria antecipada do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso, na última quinta-feira (9), levanta uma nova série de especulações sobre quem deve ser a nova pessoa a ocupar uma das onze cadeiras da Suprema Corte. A indicação cabe ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) – que somente neste mandato indicou os ministros Cristiano Zanin e Flávio Dino – e, posteriormente, ser aprovado no Senado Federal.

Barroso poderia continuar como ministro do Supremo até 2033, quando completasse 75 anos e tivesse uma aposentadoria compulsória, mas optou por deixar o cargo mais cedo, comunicando sua saída no encerramento da sessão no plenário da Corte na quinta-feira. Ele anunciou que terminará alguns compromissos que ainda tem no STF, como entregas de pedidos de vista e demais pendências, mas que não participará mais do plenário. Ele já vinha demonstrando sinais de que planejava deixar seu cargo como ministro no STF quando entregasse a presidência do Supremo a Edson Fachin, o que aconteceu no dia 29 de setembro.

“Sinto que agora é hora de seguir outros rumos. Nem sequer os tenho bem definidos, mas não tenho qualquer apego ao poder e gostaria de viver um pouco mais da vida que me resta sem a exposição pública, as obrigações e exigências do cargo”, declarou o ministro em entrevista coletiva.

Indicados

Segundo a Constituição, para poder assumir uma vaga como ministro do STF é necessário ter mais de 35 anos, uma reputação ilibada e notório saber jurídico.

Dentre os nomes cotados para assumir no lugar de Barroso estão: o advogado-geral da União (AGU), Jorge Messias; o senador e ex-presidente do Senado Rodrigo Pacheco (PSD-MG); o ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) Bruno Dantas; a ministra do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Daniela Teixeira; e a presidente do Superior Tribunal Militar (STM), ministra Maria Elizabeth Rocha.

Apesar de todos serem ligados ou terem afinidades com o atual presidente da República, os candidatos para a vaga apresentam perfis distintos. Jorge Messias é evangélico e tem um comportamento mais reservado, enquanto Rodrigo Pacheco tem um perfil mais político, assemelhando-se ao do ministro Flávio Dino, e Bruno Dantas tem um perfil mais expositivo e técnico.

Chances

Questionada pelo Correio da Manhã, a especialista em Jurídico e Tributário Gabriela Rosa avalia que, na atual conjuntura, o nome mais forte para assumir a vaga é o de Jorge Messias “em razão de sua credibilidade profissional singular que viabilizou sua permanência no cargo de AGU, apesar da mudança de governo”.

“Messias ostenta uma



Marcelo Camargo/Agência Brasil

Para especialistas, Jorge Messias é o nome mais cotado para o STF

Ricardo Stuckert/PR



“Política demais”, opção por Pacheco pode ser problema

maior aceitação na comunidade jurídica, o que pode favorecer sua indicação e destoar do histórico de indicações não tão populares deste governo”, ponderou a jurista.

Ela não descartou a força que Rodrigo Pacheco vem ganhado nos últimos anos, mas ressaltou que sua atuação direta na política pode prejudicá-lo. “Desde o fim de sua gestão no Senado, o futuro do senador é incerto e a falta de um lugar no alto escalão da praça dos Três Poderes remete a um projeto maior de indicação ao tribunal. Pesa contra Pacheco o caráter claro de indicação política em um momento sensível para o tribunal, diante das críticas”, disse Gabriela.

A reportagem ainda conversou com o mestre e doutor em Direito Constitucional Rubens Beçak que concordou com a visão de Rosa. Beçak reiterou que, por Lula ter um perfil muito pragmático, ele deve escolher um nome de confiança que não tenha chances de gerar “surpresas” a ele.

“Ele vai querer ter a certeza de cacifar um nome que lhe seja fiel. É o seu perfil em geral nas indicações e acho que ele vai ter uma grande possibilidade com o atual advogado-geral da União ou o ex-presidente do Senado”, destacou Rubens ao Correio da Manhã.

O doutor em Direito do Estado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) Renato Ribeiro de Almeida reiterou que se espera que o próximo ministro do Supremo “seja alguém que tenha como princípio a defesa da democracia, do Estado Democrático de Direito, e que tenha consciência do papel institucional que o Supremo

Tribunal Federal desempenha, especialmente com um perfil muito parecido com o do próprio ministro Barroso”.

Perfil

Na verdade, uma mudança de perfil na Corte já começou a ser notada desde que Barroso deixou a presidência e entregou o cargo a Edson Fachin. Enquanto Barroso tinha um perfil mais ativo e era mais presente em entrevistas e em debates, Fachin é mais reservado e de caráter mais técnico.

O doutor em direito constitucional Rubens Beçak destacou que, com o perfil de Fachin e considerando seu discurso ao assumir a presidência do STF ele “deu um recado com todas as letras de que quer um Supremo realizador de julgamentos importantes, especialmente aqueles que envolvem as questões de constitucionalidade, mas um Supremo menos ‘na boca do povo”.

“Ele tem um perfil mais reservado e me parece ter deixado claro que quer um Supremo mais reservado. Até tem aquela frase dele ‘ao direito o que é do direito, que é jurídico; ao político o que é da política””, reiterou Beçak.

A jurista Gabriela Rosa ainda destacou que, atualmente, ele é o melhor perfil para conduzir o Supremo Tribunal. “A Suprema Corte passa um momento desafiador de sua história, com muitas acusações de excessos, em que nunca foi tão próximo um processo de impeachment ou mudanças no funcionamento do Tribunal. Isso impactará o STF, exigindo um pouco de auto restrição e Fachin demonstra ser o perfil mais adequado para isso, dentre os disponíveis. Entre os mi-

nistros, é possível que inicialmente falte articulação, dada a personalidade mais fechada de Fachin, mas também espera-se uma postura mais moderada inicialmente”.

Diversidade

Ao Correio da Manhã, a advogada e coordenadora do curso de Direito do Ibmecc-DF Nara Ayres Britto reiterou que “o histórico das últimas nomeações mostra que o presidente tende a equilibrar dois fatores: afinidade pessoal e trajetória jurídica respeitável”.

“Contudo, considero que um terceiro fator precisa ser incluído na equação: a diversidade. Seria interessante a indicação de uma mulher para compor a nossa Suprema Corte. A presença feminina no Supremo Tribunal Federal não é apenas uma questão de representatividade simbólica, mas uma necessidade institucional. As ministras que já passaram pelo STF mostraram como o olhar feminino pode agregar sensibilidade a temas profundos sem abrir mão da técnica”, reiterou a advogada para a reportagem.

Não seria a primeira vez que o presidente Lula seria criticado por não indicar uma mulher para o cargo, muito menos uma mulher negra.

Entre os nomes, porém, Jorge Messias parece mesmo se destacar. Evangélico de posição mais progressista, avalia-se que ele poderia servir e atuar como um contraponto ao ministro André Mendonça – indicado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que, à época o classificou como “terivelmente evangélico”. O professor de Direito Penal do Ibmecc Brasília Tedney Moreira avaliou que Messias poderia ser “um aceno” para a população evangélica, mas criticou o possível motivo da escolha.

“Ainda que de perspectiva evangélica progressista, penso que se a escolha se limitar a este aspecto (a religião), estará o presidente perdendo a oportunidade de pluralizar o debate na maior Corte de Justiça do país. Até hoje não tivemos indígenas, quilombolas ou demais pessoas pertencentes a povos tradicionais indicados, por exemplo, mantendo-se baixa também a participação de pessoas negras e de mulheres no STF. Se o objetivo é garantir um debate por contrapontos, pessoas pertencentes a estes e outros grupos de vulnerabilidade deveriam ser contempladas para a escolha também”, afirmou Moreira.

CORREIO BASTIDORES

POR FERNANDO MOLICA

Paulo Pinto/Agência Brasil



Ao falar na defesa de pobres, Lula marca posição

Em ritmo de campanha, governo joga no ataque

Ao usar o mote do pobres contra ricos ao falar da nova derrota do governo no Congresso, o presidente Lula (PT) reafirmou indica qual será o caminho a ser percorrido na campanha eleitoral. A linha representa um rompimento com a lógica do Lulinha Paz e Amor usada em outros tempos. Mas foi a saída encontrada pelo Planalto, em especial, pela Secretaria de

Comunicação, para tentar fugir do canto do ringue onde foi colocado pelo crescimento do poder do Congresso e pela associação entre bolsonarismo e o Centrão. Lula percebeu que não eram mais eficientes os processos de sedução de parlamentares usados em suas passagens anteriores pelo Planalto e quer colar na direita e imagem de quem governa para ricos.

Passou o rodo

Ao começar a demitir indicados por políticos que atuaram contra a medida provisória dos impostos, o governo mostrou que o jogo ficou mais duro. Essas nomeações foram mais importantes no passado, antes da farra das emendas parlamentares, mas ainda contam muito.

Protagonismo

Depois de ser alçado à condição de protagonista no mandato de Jair Bolsonaro — então ministro da Casa Civil, o senador Ciro Nogueira (PP-PI) mandava e desmandava no governo —, o Centrão deixou de se contentar com papéis secundários. O grupo quer o poder.

Foto de leitor/José Reis



Manifestação no Rio: exemplo bolsonarista

Lula busca fugir da dependência do Centrão

Para os estrategistas do Planalto, são quase inexistentes as chances de Lula conseguir o apoio formal de partidos do Centrão, que passaram a ter alternativas viáveis e mais confortáveis à direita. A recuperação de boa parte da popularidade do próprio Lula indicou para o Planalto que seria possível articular uma al-

ternativa que dependesse menos dos humores e pedidos do grupo. O governo resolveu também aplicar duas lições do bolsonarismo: investir de maneira pesada e competente nas redes sociais e em grandes mobilizações populares. Quer usar a força da opinião pública para pressionar, e deixar de ser pressionado.

Alívio

A saída de Luís Roberto Barroso do Supremo Tribunal Federal foi recebida com alívio pelos chamados operadores do direito na área trabalhista — juízes, procuradores e advogados. O ministro é um dos aliados de Gilmar Mendes na briga contra normas da CLT.

De confiança

Pode dar zebra, mas Lula tende a nomear Jorge Messias, advogado-geral da União, para a vaga de Barroso. As derrotas no Mensalão e no Petrolão deram ao presidente a certeza de que é preciso ter no STF pessoas de sua total confiança, não basta que sejam de esquerda.

Sem saudades

Apesar da reaproximação com Lula e dos perenigues com bolsonaristas, Barroso não vai deixar saudades na esquerda. Apesar de ter sido progressista em causas que envolvem comportamento, ele foi muito duro com o PT e votou contra a suspensão de Sérgio Moro.

Bancada da AGU

A eventual nomeação de Messias vai consolidar a AGU como uma espécie de estágio para quem busca integrar o STF. Ocuparam o cargo de advogado-geral (a quem cabe defender o governo) os ministros André Mendonça, Dias Toffoli e Gilmar Mendes.